

Investimentos em 90, os mais baixos desde 70

LÉA CRISTINA

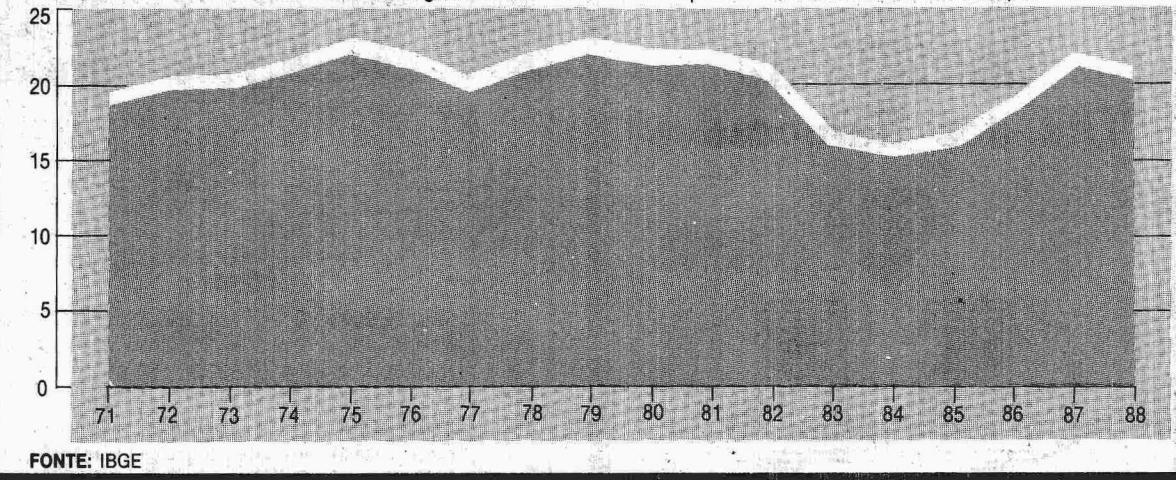
Os investimentos a serem feitos no País em 1990 deverão se equiparar aos níveis mais baixos dos últimos 20 anos. Enquanto os empresários — de acordo com pesquisa da Price Waterhouse — calculam para este ano uma taxa de investimento equivalente a 14% do Produto Interno Bruto (PIB), economistas falam em números próximos aos 16,5% registrados em 1984 — o pior resultado desde 1970. Na década de 70 — a era da modernização brasileira — a taxa média ficou na casa dos 22%.

Entre as causas, estão as incertezas sobre a estabilidade econômica e ainda sobre quais seriam os setores mais adequados ao aumento de produção — o mercado estará melhor para bens de consumo interno ou para bens de exportação? Mas o que pesa mais é a certeza de que o PIB deste ano vai cair.

No Leste Asiático, as taxas de investimentos chegam a 40% do PIB (Cingapura) e 30% (Coreia do Sul). Nos Estados Unidos, a taxa varia entre 14% e 16%, de um PIB que gira em torno dos US\$ 3 trilhões, contra os US\$ 350 bilhões do Brasil.

Variação do nível de investimentos no País.

Segundo pesquisa realizada pela Price Waterhouse, o nível de investimentos no Brasil ficará, este ano, em torno de 14% do Produto Interno Bruto (PIB), o que representa a menor taxa dos últimos 20 anos. Nas décadas de 70 e 80, o nível mais baixo de investimentos foi registrado em 1984 e 1985: apenas 16,5% e 17% do PIB, respectivamente.



O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) ainda não calculou a taxa de investimento do ano passado. Mas segundo técnicos do

Ipea — instituto de pesquisa da extinta Secretaria de Planejamento e agora ligado ao Ministério da Economia —, a taxa média de 1989 ficou

em 18%. Um resultado que, segundo o técnico do Ipea Armando Castelar, teria sido puxado pelo segundo semestre, quando, apesar do quadro

recessivo que começava a se formar, a construção civil teve um desempenho razoável e foram grandes os investimentos em estoques. Além do que, o câmbio defasado representava um impulso à importação.

Em 1990, dizem Castelar e outra economista do Ipea Virene Matesco, a taxa vai cair em relação aos últimos anos:

Os investimentos nos anos 80 têm sido muito baixos e a impressão que se tem é de que não podem cair mais. Talvez esta faixa de 16% a 17% seja o limite — afirma Virene, acrescentando que o que foi gasto nesta década referiu-se apenas a investimento de reposição, sem que a modernização (reposição visando maior produtividade) e a ampliação da capacidade produtiva tenha merecido a devida atenção do empresariado.

Mas tanto Virene quanto Castelar estão certos de que, a exemplo de 1989, o segundo semestre do ano vai puxar a taxa para cima. Entre os motivos, o esperado aumento das exportações — o que abre espaço para investimentos de modernização — e as obras que ainda devem ser realizadas por Estados e Municípios em

função das eleições de outubro próximo. Segundo Virene, uma boa taxa para o Brasil de hoje seria a de 22% da década de 70: este percentual representaria um crescimento de 6%, razoável para a absorção da mão-de-obra que chega ao mercado de trabalho todos os anos.

Já o Diretor do Departamento Econômico da Confederação Nacional da Indústria (CNI), José Augusto Fernandes, é mais pessimista. Ele define como preocupante o fato de a pesquisa realizada em outubro passado pela CNI, junto a 550 empresas, indicar que as indústrias que pretendiam investir estavam com sua capacidade de produção esgotada, situação que neste início de ano foi drasticamente revertida: segundo dados da Fundação Getúlio Vargas, o setor de transformação registrou em abril o menor nível de utilização de capacidade dos últimos 20 anos — 61%.

Para ele, a questão agora é definir em quanto vai cair o PIB:

A expectativa de depressão econômica está afastada. Mas não há dúvidas de que o PIB será negativo, restando saber se esta taxa ficará em torno de 2%, 3%, ou se vai se aproximar dos dois dígitos.